

El paraíso en el piso 37 – Patrícia Lagarde

Fernanda Grigolin

Todo lo arrastra y pierde este incansable

Hilo sutil de arena numerosa.

No he de salvarme yo, fortuita cosa

De tiempo, que es materia deleznable.

(Jorge Luis Borges. El Reloj de arena)

El Paraíso en el Piso 37 trata da inconsistência do tempo. Do tempo que é construtor e destruidor da vida. Do tempo que é matéria de pouca solidez e pouco duradoura. Do tempo que nos é entregue e, concomitantemente, se desmaterializa e se esparrama.

O tempo é a matéria desprezível (deleznable), nas palavras do escritor Jorge Luís Borges. A matéria inconsistente que se rompe, desagrega, desfaz-se facilmente. A matéria que invade, destroça, consome e está fora e dentro de nós. O tempo é a própria impermanência. E, certamente, foi o perene do tempo o fio condutor de Patrícia Lagarde em seu livro.



Figura 1 – O livro (LAGARDE, 2005), de 42 páginas, possui capa dura, o tamanho é de 23x17cm, com lombada de 2,5cm, vertical.

O Paraíso de Lagarde se deu em uma sucessão de encontros. Em certo dia, ela decidiu visitar o 37º andar de um edifício histórico de sua cidade: a Torre Latino-Americana. É o primeiro arranha-céu mexicano, edifício datado de 1949, ponto turístico da Cidade do México.



Figura 2 – LAGARDE, 2005

Lá, no penúltimo andar do edifício, a fotógrafa entrou em contato com um aquário contendo os mais variados tipos de peixes tropicais. Ao visitá-lo pela primeira vez, a artista Patrícia Lagarde teve a certeza de que aquilo era “a representação exata do paraíso” e de que havia estado ali na infância. Foi e voltou diversas vezes, acompanhada de uma câmera digital compacta. Ao fotografar o lugar, descobriu que era impossível ter estado ali quando criança: o aquário havia sido construído quando ela já estava na juventude.

Enquanto fotografava e editava as imagens, ela pensava o livro em si, e por esse motivo, a autora considera **El Paraíso en Piso 37** seu melhor livro. O processo de fotografar ocorreu concomitantemente ao processo de construção do projeto, bem como sua finalização.

A morte do paraíso não é apenas simbólica, a autora foi testemunha da destruição real do aquário. Foi durante a edição que a autora ficou sabendo que o local estava sendo desconstruído e iria ser substituído por uma lanchonete. É sobre a construção e a perda do paraíso, sobre o que é mais perene na vida, que trata o livro; é por esses dois momentos que ele está dividido.

No Paraíso: construção e perda

O Paraíso inicia com a conformação dos rios e sua flora exuberante, e com os peixes habitantes do paraíso, e finaliza com a sua destruição pela ação humana. Imagetivamente, o livro tem início com imagens da flora; depois, os peixes em primeiro plano; aos poucos, aparece a cidade em segundo plano; por fim, aparece a cidade que anuncia o relógio.

Relatos mitológicos cristãos são trazidos em texto. No início, com um indicativo do Gênesis, ao citar Pierre d'Ally¹, que informa que os braços dos quatro rios se formam e produzem o nascimento do mundo na mesma fonte: um lago.

O redondo do mundo, a formação dos quatro rios e o nascimento do que somos e seus mitos invadem a construção do livro. A teofania cristã se presentifica nas imagens, nas palavras e na edição. As citações falam entre si e por meio das imagens. O lago nutre e dá vida aos peixes dos mais variados tamanhos. Aparentemente, o paraíso encontra-se no oriente.

O aquário é território de convívio da diversidade de espécies de vários mares. É o espaço de uma proposta de paraíso. As imagens são compostas por tons de cinza. Os enquadramentos mostram, por vezes, em primeiro plano, os detalhes das plantas e dos animais, ora distantes, em construções do cenário aquático.

Todavia, aos poucos, a cidade surge. O lago não é um local alhures ou envolto em redemoinho, como os narrados pelas primeiras histórias de viajantes europeus rumo ao idílico, ao selvagem, ao que precisava ser dominado, domesticado e evangelizado. O Paraíso tem território; o encontro de todos os mares está em uma cidade grande, na imensidão de uma megalópole.

Até os mitos e citações cristãs são base de fundo para outro personagem real e mexicano: o aloxote. É ele que, em contraste com a luz do aquário, apresenta o paraíso. Suas patas, corpo alongado e cabeça são apresentados.

¹ O teólogo da escolástica, Pierre d'Ally, que foi o primeiro a discorrer sobre a forma redonda da Terra, bem antes de Copérnico.

À primeira vista, ele parece um animal montado, muito similar aos animais do projeto Fauna, de Joan Fontcuberta. Mas o aloxote existe; é um animal que vive em ambientes escuros e águas doces. Um ser que está sempre com os olhos abertos e de rápida regeneração. Em asteca, aloxote significa monstro aquático. Na mitologia local, ele é encarnação do deus Xolotl, o deus asteca do caminho, do fogo e da iluminação, aquele que conduz as almas durante sua jornada por Mictlan. Aqui, é ele o condutor da criação e destruição do paraíso. O animal errante, natural da Cidade do México, bem como a Torre Latino-americana, o aquário e a autora.



Figura 3 – LAGARDE, 2005



Figura 4 – LAGARDE, 2005

Na última parte do livro, a destruição, o aquário vazio, o preto invade o cinza, os peixes mortos. A simbologia do tempo se materializa na imagem do relógio, que vem logo na sequência de uma imagem da cidade. O que as imagens nos informam refere-se à nossa condição humana, nossa mortalidade; só nos cabe a expulsão do Paraíso e o passar dos dias.



Figura 5 – LAGARDE, 2005



Figura 6 – LAGARDE, 2005

Pode-se dizer que o trabalho de Lagarde aproxima-se do conceito denominado contravisão, de Joan Fontcuberta (2011). De acordo com o autor, um dos “papéis” contemporâneos da fotografia é o de desenvolver o ilusório e produzir as tramas do simbólico que são compartimentos de um recipiente no qual se constroi nossa experiência.

Por meio daquilo que se experimenta, aparece o fantástico e, dele, uma grande aproximação com a literatura. Isso porque o Paraíso de Lagarde nos orienta a um campo latino-americano presente nos seres imaginários de Jorge Luís Borges e de seus textos sobre o tempo, ou mesmo na Comala, de Rulfo, cuja narrativa fragmentada se reverte em jogos de primeira e terceira. Os viajantes e suas mitologias dão pistas falaciosas e ambivalentes sobre o que é o paraíso. São Isidoro, Pierre d’Ally aparecem em textos com imagens de Adão e Eva (representados pelas placas do banheiro), porém, os protagonistas da história são o aloxote e a Cidade do México.

Talvez seja Jorge Luís Borges o grande companheiro de jornada da artista, pois, segundo ele, as ações do rio que arrebatada, destroça, consome, são agentes e ações. Pode ser eu ou você:

El tiempo es un río que me arrebatada, pero yo soy el río; es un tigre que me destroza, pero yo soy el tigre; es un fuego que me consume, pero yo soy el fuego. El mundo, desgraciadamente, es real; yo, desgraciadamente, soy Borges. (Jorge Luis Borges. Nueva refutación del tiempo)

Referências bibliográficas

BORGES, Jorge Luís. **Obras completas**, otras inquisiciones (1952), Emecé Editores, Buenos Aires, 1974.

FONTCUBERTA, Joan. **La cámara de pandora**: la fotografia despues de la fotografia. Barcelona: GG, 2010.

GRIGOLIN, Fernanda. **Experiências de artistas**: aproximações entre a fotografia e o livro. São José dos Campos: Publicações Iara, 2013.

LAGARDE, Patricia. **El paraíso en el piso 37**. Ciudad de México: Livro de artista., 2005.